

E SE VIVÊSSEMOS TODOS JUNTOS? (2011) **Vicissitudes para o envelhecer (ser)**

Ana Caroline Alves da Costa ¹
Danielle de Lima Medeiros ²
Rita de Cássia da Silva Costa ³
Karynna Magalhães Barros da Nóbrega ⁴

RESUMO

Efeito do trabalho de monitoria da disciplina Genealogia da Construção da Subjetividade III: Idoso, no curso de psicologia da UFCG, este artigo pretende analisar o filme “*E se vivêssemos todos juntos?*” (2011), numa perspectiva psicanalítica de orientação lacaniana, para problematizar as singulares formas com que os sujeitos/personagens do filme constroem e vivem a velhice de maneira particular e em grupo. Na introdução enfatizamos como esta película aborda a velhice diferente do imaginário cultural que concebe a velhice numa perspectiva negativa, no filme, ao contrário, destaca-se o protagonismo do sujeito velho como um sujeito de desejo. Optamos por dividir o trabalho em três partes. Na primeira parte, “O velho e o laço social”, analisamos a relação do velho com o laço social, que ressalta as diversas formas de se enlaçar na vida através do Outro; na segunda parte, “Vicissitudes para o envelhecimento: a serenidade e a patologia”, percebemos diferentes vias para o envelhecimento, destacamos a importância do investindo na vida, para um envelhecimento sereno (GOLDFARB, 2004) bem como a não existência de objetos paixão e projetos de curta duração poderá resultar em uma velhice patológica. Na terceira parte, “Resultados e Discussões”, realizamos a análise propriamente dita, fazendo relação do que é apresentado no filme com o referencial teórico. Por fim, enfatizamos as relevâncias do filme e desta análise.

Palavras-chave: Laço social; Velhice; Vicissitudes para envelhecimento.

INTRODUÇÃO

De acordo com Beauvoir, a velhice foi e se relaciona à uma imagem estereotipada nas sociedades ocidentais (BEAUVOIR, 1990 apud BEZERRA, 2006). A partir disso, podemos destacar como a sociedade possui uma visão muito simplista e determinista em se tratando da

¹Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, carolalves635@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, daniellemedeiros@gmail.com; Monitora da disciplina Genealogia e Construção da subjetividade III: Idoso

³Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, rxtasilva@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Professora Adjunta II da Unidade Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Psicologia Clínica Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Católica de Pernambuco. Tese: Da voz em “off” à palavra escrita: o testemunho do corpo falante em *O escafandro e a Borboleta*. (UNICAP/2017) Mestre em Psicologia Clínica Psicopatologia Fundamental e Psicanálise. (UNICAP/2005) Correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise. (EBP/PE) Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana, pesquisadora da linha de pesquisa *A criança e o laço social* (LAPSO/ UFCG) karynnadanobrega@gmail.com

velhice, fazendo-a ser reconhecida muito mais pelo lado depreciativo do que pelas possibilidades de ser visualizada com novos olhares e novas percepções (SILVA & FEIJÃO, 2008). Ou seja, segundo o imaginário cultural, o velho⁵, geralmente, é reconhecido pelas suas limitações e como um sujeito que tem muitas histórias de vida para contar, tendo sua existência limitada ao outro, como um ser que requer cuidado constantemente.

Além dos discursos que circulam na cultura, percebemos que a mídia também possui forte influência na construção de uma imagem da velhice, como escreve Bezerra:

Ao longo dos anos, essa imagem foi se alterando, até a década de 30, nos comerciais publicitários de televisão, a presença do velho estava sempre ligada a produtos farmacêuticos ou de prevenção a doenças, a partir da década de 50 o idoso é retratado junto com a família, em anúncios de alimentação, cosméticos, mas sempre cumprindo papéis secundários, como na função de avós (BEZERRA, 2006, p. 2).

Atualmente, a imagem do velho prevalece, aparecendo na mídia televisiva em comerciais sobre próteses, cremes antirrugas, medicamentos, etc. Por mais que se tenha tentado incluir o velho de uma forma menos marginalizada, ainda restam indícios de uma concepção negativa, que objetaliza o sujeito velho. A velhice é o efeito de diferentes discursos. Na cultura ocidental, é comum que percebamos velhos tecendo seu processo de envelhecimento aos moldes da sociedade ao invés de suprir seus desejos – que acabam por ser apagados ou sublimados. Ou seja, percebemos os sujeitos velhos assujeitados ao discurso do Outro social (MUCIDA, 2009).

A imagem da velhice sofre efeito dos diferentes discursos que circulam na cultura, discursos da medicina, sociologia e psicologia e, mesmo assim, não dão conta de dizer o que é a velhice, tendo em vista que é algo subjetivo e varia para cada sujeito. Há diferenças no que diz respeito à velhice e o ser velho. A velhice é uma categoria que se remete ao conjunto daquilo que se repete enquanto uma categoria social nessa fase da vida. Já, o ser velho remete ao particular, ou seja, ao que cada um inventa com a própria velhice (GOLDFARB, 2004).

Tomando o filme *“E se vivêssemos todos juntos?”*, podemos perceber como o cineasta representa a velhice, a partir do um a um, ao evidenciar como cada personagem escreve a própria velhice. Além de retratar a ideia de uma moradia alternativa idealizada e organizada

⁵ Vamos utilizar o verbete velho ao invés de idoso, melhor idade, terceira idade, e quarta idade, uma vez que essas outras expressões são eufemismos utilizados para amenizar o confronto com o real do corpo e da passagem do tempo.

pelos próprios velhos, em vez de apresentar a ideia obsoleta de um ambiente feito apenas para cuidar deles (Omelczuk & Monteiro, 2014).

O filme nos provocou uma questão: é possível gozar de uma velhice serena sem contar com o Outro⁶? Para Lacan, o Outro é responsável por autenticar a imagem, por dar um lugar ao sujeito, compreendemos, assim, que para envelhecer serenamente é necessário um investimento do Outro social para o sujeito velho, para que ele consiga se colocar como um sujeito, que além de desejado, é desejante e não ficar fora do laço social. (LACAN, 1964).

Optamos por dividir o trabalho em três partes. Na primeira, tratamos da relação do velho com o laço social, que ressalta as diversas formas de se enlaçar na vida através do Outro social; na segunda, problematizamos as diferentes vias para o envelhecimento, destacando a importância de continuar investindo na vida, elaborando as perdas, como sendo fundamental para o envelhecimento sereno, assim como a existência de objetos paixão e projetos de curta duração. Na terceira parte, realizamos a análise fílmica propriamente dita.

METODOLOGIA:

Trata-se de uma análise fílmica do filme francês *“E se vivêssemos todos juntos?”* (2011), o qual é dirigido por Stéphane Robelin e possui 1h 36 min de duração. É protagonizado por cinco personagens velhos: Jeanne (Jane Fonda), Albert (Pierre Richard), Jean (Gui Bedos), Annie (Geraldine Chaplin) e Claude (Claude Rich); e um jovem, Dirk (Daniel Brühl). Escolhemos essa película para análise, pela sua importância cinematográfica e social, tendo em vista que desconstrói a imagem negativa da velhice disseminada na mídia e na cultura ao mostrar algumas vias para o envelhecimento sereno. Para tanto, consideramos o princípio de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que cada falante faz laço com o outro por meio do seu sintoma (LACAN, 1992).

A análise fílmica segue a orientação de Vanoye (1994), que se dá principalmente por meio da evidência de falas e expressões dos protagonistas, além de considerar o contexto cultural no qual os cineastas se inspiram.

O filme *“E se vivêssemos todos juntos?”* (2011), que se passa na grande Paris, exhibe a história de cinco amigos que desde a juventude, costumavam se encontrar, principalmente nas

⁶ Para Lacan (1964), o conceito de Outro, com o maiúsculo remete ao tesouro do significante, a linguagem, como também a dimensão da alteridade e é imprescindível para a existência do sujeito.

datas comemorativas. A narrativa tem como ponto de partida, a decisão do grupo de morarem todos juntos e formarem uma *comunidade independente*, de modo que cuidavam uns dos outros. Os personagens são marcantes e singulares, mostrando-nos formas diferentes e particulares de construir e viver sua velhice.

O VELHO E O LAÇO SOCIAL

Quinet (2013), relembra, em sua obra “*Psicose e laço social*”, a teoria freudiana, que o relacionamento com o outro é a principal causa de sofrimento do homem, logo, o mal-estar da civilização é o mal-estar dos laços sociais. Ao dissertar sobre o laço social, Lacan salienta a existência de quatro discursos diferentes, sendo eles: de governar, educar, psicanalisar e fazer desejar, como sendo formas dos sujeitos se relacionarem entre si, de modo que, “(...) os laços sociais são tecidos e estruturados pela linguagem” (QUINET, 2013, p.30). Assim, o discurso como laço social é um dos meios de ligar o gozo a linguagem, de maneira que está incluso no processo civilizatório, relacionando-se com o outro, o qual requer do sujeito uma renúncia pulsional, ou seja, a perda real do gozo.

Dessa forma, o laço social é o campo em que circulam os discursos, para Lacan (1992), existem quatro discursos a saber, o do mestre, do histórico, do universitário e do analista, que irão se manifestar, principalmente, por meio das relações que serão estabelecidas durante a vida. Em cada discurso, apresenta o ponto de impossível da linguagem, no discurso do mestre traz a dimensão impossível de governar, no discurso universitário, o impossível de educar, no da histórica o impossível de desejar e no do analista o impossível de analisar, ou seja, todo discurso é uma defesa diante do real.

De acordo com Goldfarb,

“No cerne da formulação sobre o desamparo, o que se coloca é a falta de garantias da existência humana que nem a ciência consegue resolver. Haveria, pois, uma fragilidade estrutural do sujeito que se encontraria a mercê da fragilidade da vida [...]. Talvez ninguém esteja mais consciente de sua finitude, à mercê das dificuldades com a corporeidade, em situação de fragilidade ante as ameaças da natureza (e da cultura) do sujeito que envelhece.” (GOLDFARB, 2004, p.40).

Nas palavras da autora, o sujeito velho é percebido como aquele que se encontra a mercê, da sociedade, da ciência e do tempo, o qual passa então a ocupar um novo lugar, o de objeto dejetivo, ou seja, descartável. Então, os discursos colocam o velho no não-lugar.

Nesse sentido, é “o desinvestimento da cultura que leva o velho a se identificar com esse espaço vazio, a falta de oportunidades para a ressignificação do passado no presente, a impossibilidade de projeção no futuro” (GOLDFARB, 2004, p. 41-42). O deslocamento do sujeito velho na sociedade, o qual ocupava o lugar de detentor do saber, e que com o passar do tempo foi sendo marginalizado e ocupando um não-lugar, como afirma Goldfarb:

“[...] os velhos são empurrados para as bordas da estrutura social, são reconhecidamente obrigados a uma subjetividade ancorada na passividade, a uma pobreza de trocas simbólicas, e a renúncia do papel de agentes sociais; são empurrados a uma perda de todo poder, mesmo sobre si mesmos.” (GOLDFARB, 2004, p.42)

Esse não-lugar do velho se manifesta principalmente por meio da exclusão social, ao se colocar em espaços restritos aos velhos e ficarem isolados do convívio com os outros, algumas vezes o próprio sujeito se isola com medo de uma rejeição, isso se dá pelo fato de a inclusão o fazer lidar com as questões do envelhecer que nem sempre terão aspectos positivos no imaginário social. Um dos efeitos disso é o crescimento cada vez maior de uma velhice patológica, ou seja, da vivência da mortificação e paralisação do desejo de viver, como acontece na demência e na depressão, por exemplo.

Para Lacan (2003) apud Silva (2017), o sujeito não é extrínseco ao Outro, mas se realiza pelo efeito da fala do outro, de modo que esse é pensado não apenas como um campo que condiciona possibilidades, mas também como uma estrutura aberta à emergência do impossível, ou seja, como aquele que proporciona a possibilidade de execução daquilo que antes era considerado como irrealizável. Assim, nosso trabalho tem como questão disparadora as diferentes maneiras que os personagens do filme encontram para construir a própria velhice, quais os sofrimentos por eles vividos e de que maneira eles gozam da vida. Logo, pretendemos extrair do filme o que cada um ensina sobre o envelhecer.

VICISSITUDES PARA O ENVELHECIMENTO: A SERENIDADE E A PATOLOGIA

O Eu exige continuidade, e isto só será garantido pelo constante investimento em objetos significativos para o sujeito (GOLDFARB, 1998). Na velhice é possível distinguir duas vias para o envelhecimento, que segundo a autora, são as de desinvestimento e de investimento do desejo.

A via do desinvestimento é marcado pela perda da alegria de viver, em que o sujeito renuncia ao próprio eu, e deixa de investir em si próprio, aceita sua condição e suas limitações, não consegue enxergar um futuro para si e mesmo se conseguir, será sempre um futuro ilusório. Essa via também depende muito do discurso do outro, principalmente quando se trata da família, a qual possui um papel muito importante nesse processo de envelhecimento.

Para Goldfarb:

a falta de um reconhecimento social para a velhice, a falta de um lugar simbólico, o fato de não mais ser fonte de prazer, resulta numa desnarcização do sujeito. Isto é, numa falta de investimento do ambiente em direção a esse sujeito, e vice-versa, o que impede a elaboração da perda e provoca um crescente empobrecimento da vida afetiva. Frequentemente, a resposta a este processo é a depressão ou a demência como defesa do último baluarte narcísico (GOLDFARB, 1998, p.14).

A partir disso, percebemos a importância que o Outro simbólico, os projetos de curta duração e que ter uma causa, um objeto paixão, possuem na velhice. É por meio desses recursos que os velhos se tornam capazes de escrever a velhice serena, continuando a investir em sua vida – ao impor-se como um sujeito desejante. Evitando, assim, lançar-se em “uma vida sem sentido, sem futuro, numa violenta marginalização do circuito do desejo (GOLDFARB, 1998, p. 14).

Com base na tese de Goldfarb, temos que “a demência não é considerada parte do envelhecimento dito normal, e sim um quadro patológico grave, frequente na velhice” (GOLDFARB, 2004, p. 45). A autora anuncia:

[...] qualquer sofrimento excessivo será a via de acesso privilegiada para a pulsão de morte. Quando digo excessivo, refiro-me ao tipo de sofrimento não metabolizável, aquele sobre o qual não é possível fazer nenhuma elaboração, que não permite nenhum aprendizado, que não se transforma em experiência, mas o contrário: deixa na vida psíquica um buraco, um vazio. Vazio em que não há luto possível. Vazio como domínio da pulsão de morte (GOLDFARB, 2004, p. 157).

Goldfarb afirma, ainda, como os diagnósticos por imagem permite, do ponto de vista médico, a diferenciação de uma demência verdadeira, de causas neurológicas, de uma pseudodemência, aquela de causas psicológicas – a autora aponta como “não deixa de ser instigante o fato de que ante a probabilidade de uma origem psicológica algo seja qualificado como *pseudo*, com toda a carga de preconceito que isso acarreta” (GOLDFARB, 2004, p. 47).

No contexto abordado por Goldfarb (2004), percebemos a importância de compreender a multicausalidade da demência, para que possamos “[...] reconhecer o papel da angústia de morte na gênese do síndrome demencial e na obstinação coletiva em não poder imaginar outra

causa fora das alterações cerebrais” (2004, p. 144). Isto ocorre devido a maior facilidade de lidar com um cérebro doente do que tratar a ideia de que o ser humano sofre com a proximidade da finitude da vida, de como o sofrimento é primordial para a compreensão das vicissitudes da demência.

Na tese de doutorado de Goldfarb, *Demências* (2004), ela afirma que a demência ocorre geralmente após um acontecimento da vida que o sujeito não consegue simbolizar, elaborar e afirma ser a demência uma defesa diante do confronto com o real.

RESULTADOS E DISCUSSÃO/S

“*E se vivêssemos todos juntos?*” exhibe diferentes formas de tecer a velhice, como cada sujeito escreve a velhice. Conforme Goldfarb (1998), não há história sem o outro, não há a história dos afetos, dos vínculos, das singularidades, das experiências e da vida. Logo, a realização da proposta de Jean de todos morarem juntos, traz como ponto central a forma na qual os amigos encontram de se enlaçar na vida através da *comunidade independente*, em torno desse significante, eles se enlaçam, movidos pelo amor ao outro. Como é possível existir no grupo de maneira independente? A sugestão causa inicialmente mal-estar, porém, é a partir desse desejo de união não-toda, que cada um enfrenta a velhice, vivendo e desejando por meio da existência e da fala endereçada ao Outro, das demandas que o Outro apresenta.

De acordo com Lacan (2005) apud Silva (2017):

A função da fala não é corresponder linguagem e realidade dada, mas engendrar uma realidade. Lacan quer destacar que a fala do sujeito possui a função decisiva de mediação, isto é, ela não serve apenas para expressar um fato já estabelecido, mas, sobretudo, constituir-lo enquanto fato. A palavra quando pronunciada não apenas torna cognoscível uma realidade dada de antemão, mas, performaticamente, cria um novo estado de coisas, de modo que “algo que não existia antes passa a existir” (SILVA, 2017, p. 36-37).

Com base no que afirma Silva (2017), durante o filme, a esposa de Albert fala sobre o animal de estimação, o cachorro, objeto como o meio que ele encontra para se enlaçar e se defender do real. “Se separar do cachorro? Para ele é como morrer”, durante este episódio o mesmo encontrava-se no hospital após sofrer uma queda enquanto passeava com o cachorro, gerando, então, grande preocupação na família e recusa acerca de que ele continuasse com o animal. Com base nisso, podemos perceber a fala de Jeanne como a instância a qual coloca Albert num lugar de “dependente” do cachorro para continuar vivendo, portanto, é através deste

que ele encontra uma fuga da demência, tornando-se uma das suas principais vias de demarcação de espaço e tempo, abordados pela forma como passa a cuidar e se preocupar com as necessidades do animal: comer, passear e brincar.

O filme apresenta diferentes e novas formas de cada sujeito se enlaçar a vida, por meio de objetos e das demandas apresentadas pelo outro, exemplo disso é a personagem Annie, que ao viver o abandono dos filhos, faz laço a partir da falta dos netos e do desejo de tê-los mais próximos. No decorrer da narrativa, ela se volta principalmente para a construção de uma piscina em sua casa, mudando toda a dinâmica da área em prol da realização do seu desejo, assim o que antes era um jardim passa a ser uma área de lazer destinada ao lazer. Após a conclusão da piscina, seus netos passam a frequentar e realizar visitas, logo realiza o desejo de tê-los mais perto. Então, por meio da reforma, ela constrói um lugar e precipita no outro o desejo de estar ali.

De acordo com Silva (2017) é preciso considerar a dependência do sujeito ao outro, não apenas como dependência ao significante, mas também dependência em relação ao significante que falta no campo do outro para me representar, isso precipita o surgimento do desejo. Portanto, o que há em comum entre sujeito e o Outro é também uma falta primordial, de modo que esse lugar desejante faz do sujeito também um ser desejante.

“Alguns fazem do corpo e de seus sintomas o palco para continuarem a escrever a vida e fazer laço com os outros” (MUCIDA, 2009, p.75), desse modo, é por meio da sexualidade ativa que Claude vai continuar como sujeito desejante, de forma que quando deparado com os limites apresentados pelo corpo, sente-se frustrado. No filme, esse episódio é retratado através do momento em que ele pede para que Dirk – antropólogo e, posteriormente seu amigo – o consiga viagra, pois, após o infarto sofrido, uma de suas funções afetadas foi a sexual. Quando ele toma a medicação, consegue o resultado almejado e vai até o lugar que frequentava para se relacionar com as prostitutas. Logo, continua “[...] inventando e criando maneiras de tecer com o desejo que não envelhece apesar do corpo envelhecido” (MUCIDA, 2009, p.73).

“É o olhar do outro que aponta nosso envelhecimento. Assim, o velho será sempre o outro e tratamos de representar o que somos através da visão que os outros têm de nós. [...] O velho é sempre o outro em que não nos reconhecemos. A imagem da velhice parece sempre estar ‘fora’, do outro lado” (GOLDFARB, 1998, p. 33-35). À vista disso, o filme retrata em uma de suas cenas iniciais, a inquietação e o desconforto do grupo durante uma visita a Claude, quando este foi internado numa casa de repouso para idosos. A estranheza e o mal-estar

experimentado por eles são marcados por meio dos olhares ao ver os velhos na casa de repouso, e especialmente pela fala de Albert ao exclamar: só tem velhos aqui! Suas expressões ao verem as fotografias tiradas pelo amigo, de corpos providos de rugas e esquecimento, acometidos principalmente na velhice, foram de tamanha surpresa que tomaram a decisão de tirá-lo de lá, dando, assim, início à comunidade.

Levando em consideração que, segundo Mucida (2009), “todas as regras de ‘bem-viver’, ‘envelhecer bem’, ‘ser feliz’ encontram sempre aquilo que jamais se homogeneíza: o sujeito com seu estilo, seu traços”, ela quer dizer que cada sujeito tem uma maneira particular de construir e viver sua velhice, exteriorizando aquilo que se tem de mais subjetivo. Entretanto, existem duas vias para o envelhecimento, a de desinvestimento e de investimento do desejo na velhice (GOLDFARB, 1998).

No filme, alguém que representa a via do desinvestimento é Jeanne, esposa de Albert. Ela recebeu o resultado de que não obteve melhoras em seu quadro de saúde e teria que se submeter a um novo tratamento, porém, ela esconde o resultado do marido e resolve não investir nessa nova intervenção, mesmo a doença já estando em estado avançado. Dá-se início, então, a uma nova etapa na vida de Jeanne, a elaboração do luto. Não raramente, os sujeitos velhos param de investir no futuro, devido a certeza da proximidade de finitude, mas como Goldfarb exemplifica:

[...] embora exista um desligamento “normal”, até como forma de preparação para a morte, este não será tão radical nem de características tão negativas se os vínculos permanecerem fortes e os objetos forem suficientes e dignos de investimento, possibilitando assim o intercâmbio energético com os mesmos. (GOLDFARB, 1998, p.70).

Jeanne se depara com um paradoxo, por um lado ter que parar de investir na vida e se preparar para a morte, e por outro lado desejar e continuar a investir na vida. Isto é percebido nessa personagem, pois mesmo tendo decidido ir pela via da aceitação, continuou a viver sua vida normalmente, preocupando-se apenas em resolver todos os seus assuntos que poderiam ficar pendentes. Quando Jean sugeriu que todos morassem juntos ela pensou nessa possibilidade e viu que seria muito bom para seu marido, tendo em vista que o mesmo já apresentava alguns problemas de memória e não seria bom morar sozinho quando ela partisse. Outro exemplo disso é quando ela faz amizade com Dirk e procura uma nova namorada para ele – a qual só aparece no final do filme, após a morte de Jeanne.

Outros sinais de investimento na velhice são percebidos em Annie, Jean e Claude. Annie investe em projetos de curto prazo, como exercícios fazendo uso de bicicleta ergométrica, o cuidado na casa e até mesmo quando pensa em construir uma piscina para que seus netos a visitem mais. Jean também sublima seus desejos investindo em projetos de curto prazo, ao militar em protestos a favor das minorias, com isso investe também nele próprio. Claude investe na vida através das fotografias – as quais, ao mesmo tempo também são uma forma de deixar sua marca no mundo – e mantendo sua vida sexual ativa.

Albert, diferente de sua mulher, Jeanne, e seus amigos, não apresenta um envelhecimento sereno, visto que logo no início do filme já se pode perceber um quadro inicial de demência. Ele começa a esquecer pequenos acontecimentos diários, como não lembrar se levou o cachorro para passear ou não, e começa a fazer uso de anotações para ser capaz de relembrar todas as suas tarefas realizadas e acontecimentos que julga como importantes.

Goldfarb, em sua visão psicanalítica sobre o processo demencial, afirma que a doença:

[...] em que o Eu se dissolve – não estaria dada unicamente por um déficit orgânico que afeta a memória como função neurológica, e sim por um conjunto de fatores no qual deve ser incluída a possibilidade de existência de um transtorno de identidade que tenha efeito sobre a memória como função historizadora (GOLDFARB, 2004, p. 13).

Dessa forma, compreendemos que a demência de Albert está conectada a esse viés psicológico/patológico trazido pela autora, estando, então, caracterizada como o principal meio de fuga diante dos estados depressivos ocasionados pelo fracasso no processo de elaboração da finitude, o desinvestimento dos vínculos e a fraqueza perante à sucessão de mudanças do processo de envelhecimento. A única saída encontrada pelo personagem para lidar com os acontecimentos de sua vida que causaram sofrimento ou com a própria consciência de finitude e o luto antecipado pelo fim do próprio eu, foi o esquecimento radical e violento do próprio eu – fator que pode ser percebido com o avanço de seu quadro clínico no decorrer do filme (GOLDFARD, 2004).

Goldfard (2004) salienta, também, que o eu é invadido pela angústia de morte, ao não conseguir elaborar um luto por antecipação, luto pela perda da própria vida. A cena que melhor representa o eu invadido por essa angústia, é a que Albert, no final do filme, chega onde seus amigos estavam perguntando aonde Jeanne se encontrava, no entanto ela já havia morrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições de “E se vivêssemos todos juntos?”, em conjunto com a análise psicopatológica psicanalítica, principalmente de Goldfarb e Mucida, nos apresentam as diversas e particulares formas de enfrentar este processo de envelhecimento, o qual é perpassado por vários discursos socioculturais, fazendo-se necessário que o sujeito se reinvente a cada dia, por meio de investimento do desejo em projetos de curto prazo, mostrando que é capaz de existir como sujeito desejante e objeto de desejo.

O aspecto mais relevante trazido pelo filme é esse novo amor através da amizade, marcado pela compreensão e companheirismo que eles têm entre si, caracterizando uma ilusão de fazer existir um grupo, por meio da *comunidade independente*, que esse grupo não-todo, possibilita a eles um laço com o Outro e o investimento na vida, a partir do sintoma de cada um.

Destacamos que cada um se enlaça na vida através de seu sintoma. O sintoma de Jean é sempre tentar visualizar as coisas de uma forma igualitária e democrática, retratada nas situações em que sempre tenta chegar a um consenso junto com o outro. O de Annie são as tentativas de fazer com que o Outro, representado pelos netos, a reconhecesse. O de Albert é a demência, tratando-se de uma tentativa de fugir do confronto com o real. O de Claude é satisfazer seus desejos libidinais com prostitutas e o apreço pela fotografia. E o de Jeanne é a necessidade de resolver tanto fios soltos na sua história quanto assuntos pendentes dos outros. Dessa forma, todos gozavam da vida através de seus sintomas de maneira singular.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, A. K G. **A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Campina Grande, jan, 2006.
- GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GOLDFARB, D. C. **Demências**. Casa do Psicólogo, 2004.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, v. 2, 1964.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1992.
- MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Autêntica, 2009.
- OMELCZUK, F.; MONTEIRO, G. G. **Imagens de uma nova velhice: considerações a partir do filme E se vivêssemos todos juntos?**. Revista Kairós: Gerontologia, v. 17, n. 4, p. 245-259, 2014.

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia**. Zahar, 2006.
SILVA, A. M. S.; FEIJÃO, M. L. X. **A análise institucional da velhice e o papel das representações sociais como um saber prático**. 2008.
SILVA, L. C. **O estatuto do Outro no pensamento de Jacques Lacan**. 2017
VANOYE, F.; GOLIOT, L. **Ensaio sobre a análise fílmica** - Campinas, SP: Papyrus, 1994.

REFERÊNCIAS CINEMATOGRÁFICAS

E se vivêssemos todos juntos? (filme). (2011). Stéphane Robelin, Dir. França: Imovision.